



ESTADO PALESTINO

Irlanda, Noruega e Espanha dão sinal verde

Reconhecimento concertado da existência da Palestina por parte de Dublin, Oslo e Madri provoca a ira de Israel, que convoca embaixadores e denuncia "recompensa ao terrorismo". Três quartos dos países do mundo adotaram medida

» RODRIGO CRAVEIRO

Israel acusou os governos de Espanha, Noruega e Irlanda de "recompensarem o terrorismo" e convocou seus embaixadores nos respectivos países, após eles anunciarem que reconhecerão oficialmente o Estado palestino. "A intenção de vários países europeus de reconhecer um Estado palestino é uma recompensa ao terrorismo. Oitenta por cento dos palestinos na Judeia e em Samaria apoiam o terrível massacre de 7 de outubro. Este mal não pode receber um Estado. Este seria um Estado terrorista. (...) Recompensar o terrorismo não trará paz, nem nos impedirá de derrotar o Hamas", advertiu o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu. A chancelaria de Israel também indicou que convocaria os embaixadores norueguês, espanhol e irlandês em Tel Aviv para expressar sua insatisfação.

Em discurso no Parlamento e em meio a aplausos, o premiê espanhol, Pedro Sánchez, explicou que os partidos que formam o governo de coalizão acordaram a aprovação, em 28 de maio, do reconhecimento do Estado da Palestina por parte do Conselho de Ministros. "Chegou a hora de passar das palavras para a ação. Pela paz, pela justiça e pela coerência", afirmou. Ele telefonou para o presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, que externou seus agradecimentos ao líder socialista. "Com esse importante passo, queremos contribuir para relançar um processo político que ponha fim à violência e vislumbre um futuro de segurança e de prosperidade no Oriente Médio", explicou Sánchez.

A 2,3 mil quilômetros de Madri, em Dublin, o primeiro-ministro da Irlanda, Simon Harris, reuniu a imprensa e avisou que "chegou o momento de reconhecer a Palestina". "Eu conversei com outros líderes e estou confiante em que outros países se unirão a nós e tomarão esse passo importante nas próximas semanas", avisou. "Este é um dia importante e histórico para a Palestina e a Irlanda."

Em Oslo, capital da Noruega, o premiê Jonas Gahr Store, também fez um pronunciamento à nação. "No meio de uma guerra, com dezenas de milhares de mortos e feridos, nós temos de manter viva a única alternativa que oferece uma solução política para israelenses e palestinos: dois Estados, vivendo lado a lado, em paz e em segurança",

Thomas Coex/AFP



O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, é aplaudido por parlamentares após o anúncio sobre a Palestina, no Congresso dos Deputados, em Madri

Erik Flaaris Johansen/NTB/AFP



O premiê norueguês, Jonas Gahr Store: "Temos de manter viva a única alternativa que oferece uma solução política" para o conflito

Paul Faith/AFP



O líder irlandês, Simon Harris, discursando em Dublin: "Este é um dia importante e histórico para a Palestina e a Irlanda"

John Lamparski/AFP



Manifestante corre com bandeira da Palestina durante ato no bairro de Brooklyn, em Nova York, no sábado passado

Quatro perguntas para

IBRAHIM ALZEBEN, EMBAIXADOR DA PALESTINA NO BRASIL



Como o senhor vê o peso simbólico da decisão de Espanha, Noruega e Irlanda?

Nós apreciamos muito a decisão histórica e corajosa, que expressa respeito pelo direito internacional e pelo consenso da comunidade majoritária no mundo.

Em que essa medida pode ajudar os palestinos na busca por um Estado palestino?

A nossa luta depende da resiliência no terreno e da expansão da presença no mundo. De uma ação combinada. A decisão histórica de Espanha, Irlanda e Noruega está em sintonia com a orientação política natural da comunidade de 143 países, que exigiu o reconhecimento da Palestina como um Estado pleno na ONU. O mundo caminha na direção histórica correta, no rumo da paz e da segurança.

De que modo o senhor avalia a decisão de Israel de convocar os embaixadores?

Convocar embaixadores de países soberanos não muda a realidade. A votação na ONU, a posição do Tribunal Penal Internacional (TPI) e as manifestações em todo o mundo devem dar frutos no seio da sociedade israelense. E mostrar que a ocupação dos territórios dos seus vizinhos, negando aos verdadeiros proprietários o direito de exercerem os seus direitos legítimos, não tem um efeito futuro. Genocídio e apartheid somente trarão mais violência e dor para todos.

O que falta para a efetiva criação de um Estado palestino?

Que os EUA reconheçam o Estado da Palestina. Também falta convocar uma conferência internacional de paz para fundar o Estado da Palestina, de acordo com o direito internacional. O imediato, que não admite adiamento, é um cessar-fogo em Gaza, levantando o cerco e permitindo a entrada de ajuda humanitária. Encerrar a agressão dos colonos e iniciar a retirada de Israel dos territórios ocupados. (RC)

declarou. O chefe de diplomacia da União Europeia (UE), Josep Borrell, prometeu trabalhar "incansavelmente com todos os Estados-membros por uma posição comum da UE baseada em uma solução de dois Estados".

Condenação

Aliado de Israel, os Estados Unidos manifestaram oposição ao "reconhecimento unilateral" de um Estado Palestino. A Casa Branca advertiu o governo Netanyahu a não reter fundos para a Palestina, em retaliação aos anúncios de Oslo, Madri e Dublin. "Ele (o presidente Joe Biden) foi enfático, ao afirmar que a solução de dois Estados deve ocorrer mediante negociações diretas entre as partes, e não através do reconhecimento unilateral", observou Jake Sullivan, conselheiro de Segurança Nacional.

Ibrahim Alzeben (**leia Quatro perguntas para**) — embaixador da Palestina no Brasil — celebrou o anúncio dos três países europeus, mas destacou a importância de Londres e Washington tomarem a mesma medida. "O Reino Unido é o principal responsável pela tragédia palestina e pelo conflito. O Ocidente, em geral, tem sido cúmplice em todo o sofrimento contínuo do nosso povo na região", disse. O diplomata acusou os Estados Unidos de assumirem o mesmo papel, "apesar do consenso internacional a favor de um fim justo, legal e duradouro para a Palestina". "A esperança não morre, continuaremos trabalhando com a mesma estratégia e com o apelo de que o mundo está em constante mudança. A porta da lei e da justiça está se abrindo", garantiu Alzeben.

Dos 193 países-membros da Organização das Nações Unidas, 142

reconhecem o Estado palestino, que foi proclamado por líderes no exílio há 36 anos. Durante a primeira intifada (levante contra a ocupação), o líder palestino, Yasser Arafat, proclamou, de forma unilateral, um Estado palestino independente com Jerusalém como capital. Em 2010, o Brasil tornou-se o primeiro país da América do Sul a admitir a existência de um Estado palestino, seguido por Argentina, a Bolívia, o Equador, o Chile, o Peru e o Uruguai. Em 2014, a Suécia marcou seu pioneirismo, entre as nações da União Europeia.

Jorgen Jensehaugen, especialista em conflito árabe-israelense pelo Instituto de Pesquisa da Paz de Oslo (PRIO, pela sigla em inglês), afirmou ao **Correio** que o gesto dos três países é muito importante, sob o ponto de vista simbólico. "Essa atitude sinaliza a possibilidade de alcançar uma solução baseada em

dois Estados. Trata-se de uma combinação importante de países, no sentido de que, quando a Suécia reconheceu a Palestina, ela estava completamente isolada e foi punida por Israel", comentou. "O fato de Noruega, Espanha e Irlanda se unirem nesse esforço torna uma punição mais difícil e cria um momento propício para que outras nações se juntem a elas. Esperamos que algumas nações europeias sigam o exemplo."

De acordo com o estudioso norueguês, a convocação dos embaixadores se insere no fato de que Netanyahu se opõe a uma solução para o conflito assentada na existência de um Estado israelense e de um Estado palestino. "O governo judeu considera problemática qualquer ação que vá na direção do reconhecimento da Palestina", observou Jensehaugen. "Será interessante ver qual será a retaliação dos israelenses."

REINO UNIDO

Rishi Sunak convoca eleições para 4 de julho

O primeiro-ministro conservador Rishi Sunak convocou eleições legislativas no Reino Unido para 4 de julho, nas quais as pesquisas preveem uma vitória clara da oposição trabalhista. "Hoje (ontem) falei com sua majestade, o rei (Charles III), para pedir a dissolução do Parlamento. O rei aceitou o pedido e celebraremos eleições gerais em 4 de julho", anunciou o premiê, debaixo de chuva, às portas de sua residência oficial em Downing Street. Com o anúncio, vazado pouco antes pela imprensa britânica, o chefe de governo coloca fim a meses de especulações, que previam que as eleições seriam mais para o fim do ano.

As pesquisas dão aos trabalhistas (centro-esquerda), liderados por Keir Starmer, cerca de 45% dos votos, quase o dobro dos conservadores (20% a 25%), que estão no poder há 14 anos. "Durante as próximas semanas, lutarei por cada voto. Vou ganhar a sua confiança. E vou mostrar-lhe que apenas um governo conservador liderado por mim, que não coloque em risco a nossa estabilidade econômica conquistada com tanto esforço, pode restaurar o orgulho e a confiança em nosso país", disse Sunak.

Por sua vez, Starmer afirmou que a eleição geral é "uma oportunidade de mudança positiva".

Henry Nicholls/AFP



Em meio à chuva, Rishi Sunak divulga a data das eleições parlamentares, em frente à Downing Street, em Londres

"Podemos acabar com o caos, podemos virar a página, podemos começar a reconstruir o Reino Unido e mudar nosso país", acrescentou.

Economia

As boas notícias na economia e o avanço do plano de expulsão de migrantes irregulares para Ruanda teriam convalidado Sunak a antecipar o pleito. As eleições deveriam ser marcadas para antes do fim de janeiro de 2025 e, até o momento, Sunak havia se limitado a falar sobre a votação "no segundo semestre" do ano.

Pouco antes da convocação, o National Bureau of Statistics anunciou que a inflação de abril caiu para 2,3% em relação ao ano anterior, o nível mais baixo desde julho de 2021, depois de atingir 11% quando o premiê chegou ao poder, em outubro de 2022. "Espero que o meu trabalho desde que assumi o cargo de primeiro-ministro demonstre que temos um plano e estamos preparados para tomar as medidas ouzadas necessárias para que nosso país prospere", afirmou ele, acrescentando que "os trabalhistas não têm planos" e, como resultado "o futuro somente pode ser incerto para eles".